

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

FETAIS E A DEMOCRACIA DIRECTA

COMBATE - Podem descrever, de uma maneira geral, as fases da vossa luta?

Elem.Comissão Luta A - A luta começou nos primeiros dias de Março durante os quais se entendeu que o autocarro se devia estender do seu terminal, que era o bairro das Galinheiras, para o nosso bairro de Fetais.

Elem.Comissão Luta B - Para que a luta fosse o mais rápida e poderosa possíveis fizemos com que ficasse retido em Fetais um autocarro até à resolução do problema. E para que não sofresse qualquer dano foi sujeito a uma vigilância cuidada por parte da população.

Elem.Comissão Luta A - Depois fizemos diligências no Ministério dos Transportes. O Subsecretário dizia que não, pois a zona não pertencia à Carris, mas sim à Rodoviária (agora ligada à Boa Viagem). A partir daqui uma série de moradores foi a Cabo Ruivo e ocupou o autocarro que pretendíamos. Mantivemo-nos ali ordeiramente durante uma semana e tivemos o apoio da maior parte dos funcionários da Carris.

Mas por falta de apoio de alguns elementos da Associação 1º de Maio, ou por estarem cansados ou por falta de interesse, sentíamos que a luta se estava quase a escapar.

COMBATE - É aí, então, que entra a Comissão de Luta...

Elem.Comissão Luta B - Sim, foi necessário ali na estação formar uma Comissão de luta para levar a bom termo os nossos objectivos.

No fim de contas esta Comissão serviu para reforçar a Associação 1º de Maio.

Em 31 de Março fomos para o Ministério dos Transportes e nesse dia promettem-nos que o problema ia ser resolvido, que íamos ter autocarros da Rodoviária a fazer ligação ao metro, e autocarros da Carris.

Elem.Comissão Luta A - Dá-se o caso que membros da Comissão de Trabalhadores da Rodoviária vêm ao nosso encontro dar-nos o seu apoio e dizer que não haviam de faltar as viaturas no dia 1 de Abril. Co-

mo a luta era essencialmente pelo autocarro da Carris, só permitíamos que a Rodoviária viesse aqui, quando a Carris viesse também.

Não havendo ainda resposta da Carris quatro elementos da Comissão de Luta dirigiram-se a Santo Amaro e depois a Cabo Ruivo tendo conseguido o início das carreiras para o dia um e também um horário provisório.

COMBATE - A que se deveu o conflito com as Galinheiras?

Elem.Comissão Luta A - Durante alguns dias as Galinheiras boicotou, de facto, a vinda do autocarro. Fizeram barricadas e houve até certos confrontos pessoais, chegando a polícia a intervir.

COMBATE - Muitos moradores dizem que são uma dúzia deles, financiados por certos comerciantes a quem, por motivos de negócio, não interessam estas conquistas de Fetais.

Morador C - Sim, parece ser isso, pois de uma maneira geral o povo das Galinheiras compreende a nossa luta.

Elem.Comissão Luta A - Depois dos incidentes e em contacto com a Comissão de Moradores das Galinheiras esta deu-nos todo o seu apoio, pois a nossa luta é a deles.

COMBATE - Vocês têm falado da Associação 1º de Maio. Qual é a sua função?

Elem.Comissão Luta B - Esta Associação foi criada pelas pessoas que vivem nas barracas do bairro de Fetais e do bairro de Mós. O seu fim é lutar pelo direito a uma habitação condigna e para resolver os problemas específicos da habitação. Foi eleita lá por eles e nós fomos convidados. Era para ser uma Comissão de Moradores mas passou por não ser assim. Desta maneira Fetais ainda não tem Comissão de Moradores.

COMBATE - Sendo a Comissão de Luta o vosso órgão mais directo o que pensam fazer com a criação da Comissão de Moradores?

luta dos mineiros do norte e sul de portugal

JORNADA - LISBOA, 13/4/76

Porque lutam cerca de 7000 trabalhadores mineiros de Portugal?

- Não têm Contrato que sirva de base à sua prestação de trabalho;
- Não têm direito, na maior parte das empresas a receber o 13º mês;
- O trabalho arriscado, duro é na maioria dos sectores mineiros manual;
- Os ordenados, no conjunto dos trabalhadores, ainda se situa no mínimo nacional, ou ainda é inferior;
- Não têm regalias sociais: medicina preventiva, assistência médica deficiente ou mesmo incapaz;
- Os trabalhadores mineiros desgastam-se lenta e precocemente... e cedo se vêm atirados para a reforma, com um subsídio de miséria e com silicose (doença profissional);
- As negociações do 1º Contrato Colectivo de Trabalho já se arrastam há cerca de um ano;
- As entidades governamentais e as entidades patronais nos têm vindo a enganar com palavras mansas e promessas... promessas... só promessas!
- O horário de trabalho é superior a 40 horas (no exterior), e ainda, em alguns casos, com trabalho normal ao sábado.

REIVINDICAM:

- Horário normal de 40 horas (interior) e 45 horas (exterior).
- Descanso semanal de dois dias seguidos.
- Assinatura do 1º Contrato Colectivo de Trabalho.
- Ordenados compatíveis com o aumento do custo de vida e com os riscos profissionais.
- Regalias sociais: reforma aos 50 anos (trab. do interior) ou 20 anos de actividade no interior (ou 55 anos ou 30 anos de actividade no exterior).
- Medicina preventiva
- Assistência médica capaz
- Formação profissional

Queremos alertar todos os trabalhadores, todo o Povo de Portugal, para que entendam e apoiem a nossa luta, a luta dos trabalhadores mineiros, por condições de vida mais dignas...

A luta dos trabalhadores mineiros é a luta dos trabalhadores portugueses!

Só os trabalhadores libertarão os trabalhadores!

SINDICATO LIVRE DOS MINEIROS E DEMAIS SIMILARES DAS INDÚSTRIAS EXTRACTIVAS DO NORTE DE PORTUGAL



NESTE NUMERO

ELEIÇÕES - Que Esperança Pág.5
COOP: DINAMO - Centrais
JORNAL DE LUTA DOS TRABALHADORES FRANCESES

Fetais: o bairro em luta

(Continuação p.1)

Elem.Comissão Luta A - Logo de início concordámos que, depois da luta do autocarro ganha, a Comissão de Luta seria destituída. Isso não aconteceu pois num plenário por nós organizado na noite imediata, uma parte de moradores achou que a Comissão devia continuar pois faltavam outras lutas que terão de se ganhar a curto prazo.

Como até à data não foi destituída, pensamos fazer um plenário que se estenda ao maior número de pessoas, para ser eleita uma Comissão de Moradores autêntica, segundo o processo de democracia directa.

COMBATE - E quais os meios de que os moradores se irão servir para que essa Comissão não se burocratize?

Morador C - Para além de a elegermos democraticamente é necessário que essa comissão esteja sempre sob o controlo de todos os moradores de base, que defendam sempre os nossos interesses e aspirações.

Moradora - Além disso, podem e devem ser retirados das suas funções a todo o momento sempre que não correspondam por qualquer circunstância. Isto para evitar que tirem proveito das lutas como acontece nalguns sítios.

Morador D - É preciso também que tudo o que vier a fazer-se seja discutido e aprovado em Plenário.

Morador C - Um caso em que os moradores não controlam nada, é o que se passa no bairro da Boavista, em que a Comissão de Moradores é dos senhorios, onde puxam os interesses só para eles. Portanto, aqui em Fetais esses elementos não podem servir nenhum interesse senão o da comunidade e têm de ser elementos da nossa confiança.

COMBATE - Quais as carências fundamentais do bairro de Fetais? O que já conseguiram?

Elem.Comissão Luta A - Necessitamos urgentemente de uma cabina telefónica, uma creche e uma escola. Num bairro de perto de 4000 habitantes, as crianças têm de se deslocar durante vinte minutos a pé para a escola, em dias de chuva, de vento ou de sol intenso. Estamos a pensar também num posto médico e daqui a uns tempos numas instalações onde o povo possa conviver, divertir-se em que não falte uma biblioteca, enfim, tudo o que é importante.



Elem.Comissão Luta B - Já fizemos a rotunda onde o autocarro para. O povo gastou ali uns oitenta contos. Construímos também um telheiro para abrigar as pessoas das intempéries, quando estão à espera do transporte.

COMBATE - Durante as últimas lutas operárias da Sanimar e dos Transportes Estefânia vocês, moradores de Fetais, solidarizaram-se com eles?

Elem.Comissão Luta B - Colaborámos com eles. Ajudámo-los a passar as noites, levando-lhes artigos de que necessitavam para além do apoio moral.

Morador C - Da mesma maneira eles estiveram sempre prontos a auxiliar-nos. Por exemplo, os Transportes Estefânia, que estão pertinho de nós, estavam vigilantes para tocar as buzinas, a fim de dar o alarme ao povo, no caso de tentarem levar o autocarro, que tínhamos cá retido.

COMBATE - O que pensam acerca de uma possível coordenação das lutas entre as Comissões de Moradores e as Comissões de Trabalhadores da zona?

Elem.Comissão Luta B - Acho que isso é fundamental, dado que a luta é comum e só na unidade de todos se poderá levar isto a cabo.

Elem.Comissão Luta A - Para isso é necessário a gente reunir-se de tempos a tempos com elementos das diversas Comissões a fim de os ouvir e discutirmos em conjunto os problemas que nos afectam. Esperemos que depois de eleita a Comissão de Moradores de Fetais se regularize esse aspecto para melhor.

COMBATE - Que lições têm tirado destas lutas?

Elem.Comissão Luta B - A grande lição é que não podemos estar à espera que o governo faça isto ou aquilo, que não faz nada. Nós é que lutamos e nós é que vencemos.

COMBATE - A aderência dos moradores à luta do bairro foi boa?

Morador D - Quase todo o bairro colaborou. Nas obras que fizemos, aqueles que não podiam trabalhar, ofereceram transporte, tijolos, areia, etc. Trabalhávamos todos para o mesmo.

Morador C - O bairro esteve e continua a estar todo unido à volta da sua Comissão de Luta, pois vê-se o trabalho que têm feito.

Se continuarmos assim nesta unidade, novas conquistas hão-de vir. Lutaremos por isso.

a empresa em luta

a nossa luta e a greve

A greve é um meio de luta encetado por determinado conjunto de trabalhadores, que se unem para assim pressionar a entidade patronal a um reajustamento das condições de trabalho. Pode ser provocada pela falta do cumprimento de determinado acordo entre a entidade patronal e os trabalhadores, ou mesmo quando os trabalhadores têm interesse na alteração desse acordo.

Nos Transportes Estefânia a luta é de longa data. A inércia do carro na qual ela embarcou foi vencida por colegas, alguns dos quais ficaram pelo caminho da vida, perdendo assim a corrida para um lugar a que tinham direito. (Para estes peço que guardem, de pé, um minuto de silêncio). Outros mudaram, tomaram outros carros, mas não os podemos esquecer; decerto também eles não nos esquecerão apesar de dispersos por outras empresas, mas unidos pelo pensamento e pelo calor desenvolvido pelos seus músculos. As caíbras provocadas pelo trepidar dos camiões são idênticas para todo o trabalhador do volante.

Vencida a inércia, o veículo roda, mas lento, a caixa de velocidades é dura (não é sincronizada), um pouco de aceleração e a la. entra, a qual elevou o andamento para em seguida se lhe enfiar a 2a.. Aproveitando esta velocidade em Plenário Geral, nomeia-se a Comissão de Trabalhadores.

Com esta Comissão o carro aumentou de velocidade, um toque na embraiagem e outra mudança, a 3a.. A viagem é longa e dura. Noitadas perdidas. Cinemas e diversões não podem ser frequentadas por nós. Ao dia sucede a noite, pela qual a viagem continua.

No fim do mês é sempre a mesma conta: ordenados referentes a X dias de trabalho. As noitadas não entram, mas saíram, as nossas feições o indicam pelo seu envelhecimento precoce.

O camião roda, agora com mais velocidade, que a 4a. já entrou. A prática adquirida ao longo dos anos provoca tal despreocupação, que não fixamos o momento exacto dessa variação. Processa-se o primeiro saneamento, o qual foi obtido de acordo com a maioria dos trabalhadores.

A Comissão de Trabalhadores prossegue coadjuvada pelos restantes e consegue melhorar os ordenados, mas não as condições de trabalho. O patrão diz:

- Recebes mais X mas nós temos que to tirar.

Assim, nesta casa, aumento de X no ordenado é igual a X + X de trabalho. Pior do que antes e a exploração continua, o carro não pode parar. Quinhentos e mais quilómetros percorridos diariamente, com cargas e descargas, incluindo Domingos e feriados que na sua maioria nos passam despercebidos, porque não estamos

habitados a gozá-los.

No Porto, em dia que não posso precisar, o Gerente duma Empresa de Transportes dirigiu-se a uma empregada de escritório com um ar de sarcasmo, na minha presença; DISSE:

- Se queres ter as noites todas livres casa com um motorista.

Fazem da mulher um bandalho e de quem trabalha um farrapo humano. SÃO DESTA NATUREZA.

Os escravos, recordando a sua dura vida, saturados e enovalhados não aguentam mais e decretam a greve.

O facinora do patrão apareceu de cadeira aperrada, dizendo, "aquele que me atravessasse à frente, MORRE". Tiveram que chamar os seus agentes para os desarmar. Também são agentes da G.N.R..

Com a entrada em greve o carro parou e já vai no 12º dia. Os CHEFES abandonaram a Empresa sem terem pago aos escravos. Dizem que não têm dinheiro, mas na última ronda que fizeram para lhes entregar o MERCEDES, caso contrário iriam comprar outro.

E nós apáticos a tudo isto.

Cá continuamos a confeccionar as modestas refeições para melhor enfrentar o dia seguinte, que a luta continua e apesar de dura, nós não vergaremos.

Um motorista dos Transportes Estefânia
(Documento do 12º dia de greve)

Editorial: ELEIÇÕES - QUE ESPERANÇA?

Durante semanas a campanha eleitoral impôs-se como preocupação política fundamental - os partidos mobilizaram todas as suas forças para apresentarem os seus programas de governo, as suas alternativas de exploração dos trabalhadores. A máquina política do Estado pareceu paralisar na expectativa dos "novos senhores". Assim funciona a democracia.

Num outro campo, os trabalhadores continuaram a desenvolver as suas lutas, reivindicando melhores salários ou condições de gestão por eles controladas, numa vaga de luta que se desenvolveu por todo o país. Mas estes dois campos embora opostos, têm pontos comuns, como tentaremos analisar. É assim que muitos operários reivindicam na unidade de produção, desenvolvem as suas lutas e simultaneamente se preocupam com a escolha dos novos deputados.

No processo eleitoral o tipo de sociedade está de antemão estabelecida - será uma sociedade em que o Estado continuará a ter o centro de decisão e a organização da economia e da vida social. Os diversos partidos, os diversos candidatos apresentam programas de melhor ou pior gestão dessa sociedade: se vão dar preferência ao desenvolvimento dos bens de produção ou de consumo; definem o campo das relações internacionais que dão preferência; a forma como os trabalhadores vão participar - se lhes interessa uma participação controlada dos trabalhadores ou se pelo contrário preferem que a gestão fique só nas mãos dos técnicos; quais os sectores que vão deixar sobre controlo privado e quais os sectores que vão ser planificados numa primeira fase.

Aos trabalhadores reservam o papel de votar, isto é de escolher neste campo pré-estabelecido, os seus futuros exploradores.

Como podem ser estes candidatos assim eleitos representantes da maioria da população, mesmo tendo sido os mais votados?

NINGUÉM PODE REPRESENTAR OUTRO. São uma classe, um grupo social é que sabe o que quer. A acção social só pode ser directa, ou então os pseudo-representantes autonomizam-se. Nas lutas que os trabalhadores desenvolvem as massas escolhem elementos para executarem funções práticas específicas, mas grandes são as diferenças entre estes elementos eleitos pelos trabalhadores nas suas lutas e os chamados representantes, porque:

- Não têm possibilidade de decidir por si sós, são as massas no seu conjunto quem podem decidir. Eles são meros executores.
- Executam só tarefas práticas e não determinam linhas de acção.
- O limite dessas acções práticas está de antemão determinado e, portanto, eles não podem extravasar as suas funções.
- Esses elementos duram, no máximo, o tempo de executar essas funções (se não forem substituídos a meio); por isso, não se desenvolvem, nem reproduzem como classe dominante. O sistema de dominância de base proletária - ou seja, o tipo de organização social do proletariado na prática da sua luta - é por conseguinte fundamentalmente oposto ao sistema de "representação" no capitalismo.
- Os elementos escolhidos na luta para funções executivas continuam na unidade de produção e os seus actos podem ser vigiados a cada instante. Os "representantes" actuam em campos distantes daqueles onde actuam os indivíduos que os elegem.

A sociedade está dividida em classes e grupos sociais com dominâncias diferentes. O princípio básico das eleições é a dissolução dos grupos sociais em indivíduos particularizados. Deste modo se pretende cortar a dinâmica do proletariado, dissolvendo-o nos grupos amorfos e relativamente indefinidos como: reformados, donas de casa, pequenos-comerciantes católicos, etc.

Há ainda que notar que a base social dum partido e a sua base de apoio eleitoral são diferentes. É assim que vemos que o PPD cuja base social é constituída fundamentalmente pela alta tecnocracia, especialmente a relacionada com a indústria privada (em oposição à tecnocracia relacionada com o sector estadualizado que é preferencialmente PS e PC), tem como base de apoio eleitoral os pequenos e médios agricultores, certos comerciantes, donas de casa amantes da ordem, etc.

Esta necessidade de arranjar uma base de apoio eleitoral diferente da base social, leva na altura das eleições a certas manobras: veja-se, por exemplo, a linguagem moderada que os partidos da extrema-esquerda usam este ano e a forma como aparecem. Veja-se ainda a caça que todos os partidos têm feito aos católicos; desde a campanha do PS (e o respeito do período pascal) até à UDP, com a campanha feita (e da maneira como a fez) em torno do padre-candidato morto em Vila Real. Veja-se ainda os jogos que o PC faz com o MDP/CDE, e ainda a procura de quase todos os partidos aos chamados candidatos "independentes".

No mundo das democracias muitos movimentos eleitorais se podem prever: assim a maioria dos eleitores vota em deputados que defendem medidas de desenvolvimento económico à base do consumo (alimentação, vestuário ou regalias sociais). Quando existem simultaneamente um governo fraco e uma descrença da maioria do proletariado nas perspectivas revolucionárias, há uma maioria de votos nos candidatos que defendem a "ordem". Isto é, a maioria dos trabalhadores sente-se prejudicada pela "desordem social" e pelo "caos" (e é efectivamente prejudicada em termos de consumo, de inflação dos preços, de insegurança no emprego, etc., ou seja é prejudicada nos seus interesses imediatos, integrados na sociedade capitalista) de modo que, se perde a esperança de que essa "desordem social" abra caminho a uma revolução, apoiará candidatos e listas partidárias de um governo forte e ordeiro. Foi isto por exemplo, o que se passou na Europa, após as crises consequentes ao fim da 2ª Guerra Mundial, e o peso deste fenómeno faz-se sentir ainda hoje, excepto nas novas gerações. Vemos hoje em Portugal como os diversos partidos apelam à paz social - ao fim dos crimes, dos roubos, etc. na procura da base eleitoral cansada da "insegurança".

Apesar do campo pré-determinado das eleições muitos trabalhadores, se não a maioria, irão votar, mas simultaneamente continuarão a desenvolver lutas nas suas empresas - as lutas dos trabalhadores continuaram e foram indierentes à campanha eleitoral (NOTA).

Estes são os dois movimentos contrários em que os trabalhadores se inserem, enquanto integrados na sociedade capitalista e esta contradição repete-se quotidianamente: por um lado os trabalhadores na luta podem contribuir para o reforço do capitalismo (quando votam, quando temem a "desordem social", quando desenvolvem formas de controlo económico que acaba por ter como objectivo o bom funcionamento capitalista das empresas, melhorando a produção, o processo de gestão, impedindo os gastos não rentáveis à empresa, etc.), mas por outro lado, na luta que desenvolvem podem criar formas de organização ainda que embrionárias, que estão em completa oposição com o capitalismo; quando decidem colectivamente em Assembleias Gerais; quando elegem elementos para executarem funções concretas e os controlam nas suas acções - que no fundo são a prática da democracia operária - estão a construir uma sociedade nova. Essa prática social que nada tem em comum com a organização social capitalista, ao generalizar-se através do alargamento dessa prática (saíndo do nível da empresa, passando ao nível regional, nacional e internacional), vai aos poucos impondo uma sociedade nova, que terá forçosamente uma tecnologia diferente, unidades de produção totalmente diferentes, que não assentará na família como unidade de reprodução e repressão, etc.

Em Portugal, as formas de organização não ultrapassaram muito o local de produção. Hoje a maioria dos trabalhadores sabe como deve e pode lutar para impor as suas reivindicações económicas dentro da empresa em que trabalha. Mas tendo raramente e ainda localmente, ultrapassado o nível da empresa, os trabalhadores na sua generalidade não se apercebem das formas de organização social ao nível mais lato. Ou seja, não tem ainda consciência colectiva, da alternativa ao Estado capitalista. Por isso mesmo vemos como grande parte dos trabalhadores ainda espera que um Estado poderá representar os interesses dos trabalhadores, se tiver pessoas da sua confiança. Pensam que homens de boas intenções poderão ajudar a mudar a sociedade.

Na verdade nunca um representante poderá defender uma classe. As formas de organização que zelam pelos interesses dos trabalhadores, tem que ser constituídas por todos eles e nunca poderão excluir a decisão colectiva. A democracia operária é oposta a representante, a deputado, a estruturas de representantes autonomizados dos trabalhadores em que estes nada podem fazer para controlá-los. Quem controla estes representantes são os comités centrais dos partidos a que pertencem.

É na luta prática que os trabalhadores tomam consciência das formas sociais comunitárias. É no desenvolvimento de instituições cada vez mais generalizadas - que saiam do terreno restrito da fábrica ou da região - que a luta deixa de ser só contra o patronato individualizado para ser cada vez mais uma luta generalizada e frontal a todo o aparelho de Estado, e os trabalhadores vão tendo cada vez maior consciência dessas novas formas de organização.

A ALTERNATIVA NÃO ESTÁ NESTE OU NAQUELE PARTIDO. NESTE OU NAQUELE DEPUTADO. A ALTERNATIVA OPÕE-SE AO SISTEMA DE REPRESENTANTES. É A DEMOCRACIA EXERCIDA COLECTIVAMENTE.

NOTA - Haverá ainda trabalhadores que não irão votar. Destes no entanto, poucos são os que têm uma alternativa ao aparelho de Estado. Tem antes, uma grande descrença em todos os partidos existentes, em todos os possíveis deputados. Apesar de tudo, estes trabalhadores estão em melhores condições para mais facilmente perceberem na prática de luta a democracia directa.

cooperativa dinamo: ABOLIMOS OS CHEFES E ENCARREGADOS

Publicamos a seguir uma entrevista com um elemento da direcção da JÍNAMO Sociedade Cooperativa de Metalurgia - SCARL (em Camarate - nos arredores de Lisboa), ex-firma Silva Assis e Mamede, onde trabalham actualmente 48 trabalhadores (28 mulheres e 20 homens). Dedicam-se ao fabrico de candeeiros, molduras e outros artigos de metalurgia ligeira.

Iniciaram a luta contra o patrão em Novembro de 1974 e conseguiram legalizar a cooperativa em Março de 1975..

A LUTA

como colaboradores, ele queria avançar um empréstimo. Eu nessa altura denunciei-o e disse "nós não somos colaboradores, somos uma comissão de trabalhadores e não vimos aqui para que vocês emprestem dinheiro ao patrão". O senhor que estava a atender-nos disse "então se são uma comissão de trabalhadores o Ministério das Finanças não pode fazer nada, isso é com o Ministério do Trabalho". Não havia qualquer conciliação com o patrão. Ele é que estava a tentar a conciliação, mas nós não confiávamos nele e depois, claro, o processo de luta continuou. Ele nunca mais apareceu, quem aparecia era a mulher para assinar os cheques e com essa coisa de assinar cheques ainda conseguiu roubar-nos alguns contos..

A partir daí entramos em autogestão. A pareceram lá as pessoas da Federação e nós então achámos melhor formar uma cooperativa. Formámos a cooperativa, a coisa não tem corrido mal, temos comprado praticamente tudo a dinheiro, nunca parámos. São parámos por solidariedade com as greves que houve dos trabalhadores.

Havia pessoas que no tempo do patrão, mulheres especialmente, que ganhavam só dois contos e oitocentos, hoje já ganham cinco contos e duzentos. Temos mentalizado as pessoas que tudo isto é nosso, que temos de arranjar condições para amanhã termos uma vida melhor. Tem sido difícil as pessoas nem sempre percebem, mas a coisa tem andado. O ordenado mais baixo, tirando o dos miúdos, é de três mil escudos. Entraram agora dois miúdos e o ordenado deles é de um conto e oitocentos.

mo é o caso da fundição, da cromagem, que são profissões que prejudicam muito a saúde e eu até estou de acordo que essas pessoas têm que ser melhor remuneradas e até porque são pessoas especializadas.

A diferença que existe não é entre pessoas especializadas, pois as especializadas até ganham igual. A diferença que existe é por exemplo nas raparigas e as mulheres que ganham cinco contos e duzentos -mas que têm um trabalho mais leve - fazem as molduras. Temos que pensar que se for para ali um fundidor irá ganhar massa. Nós até lhe podemos dizer que isto é uma cooperativa e integrá-lo nos nossos objectivos. Mas ele pode não perceber.

A ORGANIZAÇÃO DENTRO DA COOPERATIVA

COMBATE - Como é que vocês estão organizados dentro da cooperativa? Quem é que vos representa?

Trabalhador - É a direcção que é composta por cinco pessoas. Temos ainda o Conselho Fiscal e a Assembleia Geral.

COMBATE - Quando existe algum problema é a direcção que o resolve ou antes convoca uma Assembleia Geral para discutir-lo?

Trabalhador - Nós quando temos a resolver coisas que a direcção pode resolver, não vamos esperar por uma Assembleia Geral, vemos logo se a coisa está a correr bem. Se está a correr mal um mínimo de sócios pode convocar uma Assembleia Geral.

Claro que se tivermos de comprar uma máquina para o progresso da cooperativa, não vamos convocar uma Assembleia Geral.

COMBATE - E a direcção é formada por quem? Por pessoas da produção ou de outros sectores?

Trabalhador - Agora aí é que é o grande problema. A malta pensou formar agora a direcção só com malta da produção; convidámos pessoas mas ninguém está para isso, porque isto obriga a sacrifícios... Nesta direcção só há dois da produção, que sou eu e o Pedrosa. Há um do escritório, um cobrador e um do armazém.

COMBATE - Que tipo de problemas é que a direcção tem geralmente que resolver?

Trabalhador - A gente dividiu os cargos. Cada director tem uma função. Por exemplo eu sou da parte social, há outro que é da parte técnica, outro da parte comercial e há dois que são da parte financeira. A malta distribuiu as funções e cada um de nós trabalha à sua maneira e depois todos os meses fazemos uma reunião e cada um expõe os seus problemas.

COMBATE - Já houve eleições?

Trabalhador - Já houve eleições. Nós até pedimos a demissão. As pessoas não estão dispostas a sacrifícios e a gente pediu a demissão para ver se eles reagiam e ver se elegiam outras pessoas. Claro, não se deu o caso. As pessoas foram votar, mesmo apontando defeitos à direcção, acabaram por eleger os mesmos. Desta vez optaram por eleger três presidentes e cada presidente elege as pessoas que querem trabalhar com ele. As pessoas que foram eleitas foram os mesmos, salvo um.

COMBATE - Os elementos da direcção continuam a trabalhar no seu local de trabalho ou abandonaram-no para se dedicarem aos trabalhos da direcção?

Trabalhador - Continuamos a trabalhar. A-

quilo ainda não está muito bem organizado mas já tem uma certa estrutura. A gente já não precisa de estar a reunir todos os dias. Nós reunimos de mês a mês e geralmente aos sábados, que é dia que não se trabalha. Problemas que apareçam de repente, reunimos três ou quatro ou reunimos a noite.

COMBATE - Como é que os restantes trabalhadores participam na gestão da cooperativa? Achas que há alguma modificação desde o tempo do patrão?

Trabalhador - A única modificação que eu vejo é as pessoas começarem a sentir que é difícil, mas que aquilo é deles e já dão uma participação maior.

COMBATE - Participação como?

Trabalhador - Trabalho, trabalho de produção. Participam ainda vendo se a coisa anda bem. Nós pomos lá os balancetes e as pessoas vão ver.

COMBATE - Houve alguma modificação no funcionamento interno da cooperativa? Por exemplo, se houve alterações do horário, se há chefes...

APOIO A OUTRAS LUTAS

COMBATE - Vocês na vossa cooperativa discutem os problemas de outras cooperativas ou empresas em autogestão? Por exemplo, a fábrica SousaAbreu, no norte, que está em autogestão há desoitto meses, ardeu. O trabalho de todos aqueles trabalhadores foi destruído pelo fogo. Contudo os operários não desistiram e estão a lançar uma campanha para reconstruírem a fábrica. Precisam do apoio de toda a gente para que se concretize a reconstrução da fábrica. Outro exemplo, é o do Mealheiro do Lar, onde os trabalhadores estavam em autogestão e onde o patrão, com a ajuda do governo, regressou. E como estes há centenas de outros casos. Vocês discutiram possíveis formas de apoio a estes casos, ou a outros?

Trabalhador - Eu, é uma opinião pessoal, até acho que se deve elucidar as pessoas, e não só a nível directivo, mas a malta toda em geral, e quanto a isso acho que os trabalhadores devem dar todo o apoio que seja possível. Simplesmente, é difícil e nós directores às vezes somos alcunhados de coisas que não somos...

COMBATE - Já fizeram alguma coisa em concreto, nesses casos que referi ou noutros?

Trabalhador - Esses casos por acaso nem conhecia, mas já temos feito noutros. Agora até por acaso temos a SANIMAR, segunda-feira vou apresentar o caso à malta,

Trabalhador - Nós abolimos os chefes e encarregados. Abolimos isso tudo, embora haja pessoas que até por já terem sido chefes até têm vícios, mas isto vão-se modificando a pouco e pouco. Nós abolimos os chefes e escolhemos pessoas competentes, em plenário. Pusemos em cada secção um coordenador, que vê se se está a fazer bem ou mal, pessoas que orientam profissionalmente.

COMBATE - Porque é que vocês decidiram pertencer à Federação? Que interesse vem nisso?

Trabalhador - Primeiro foram eles de facto as únicas pessoas que lá apareceram para nos darem uma solução, indicarem-nos o caminho, que nós na altura, e até agora achamos correcto.

Eu acho que há, de facto, uma necessidade de existir uma Federação de Cooperativas. Podem dizer que a Federação não tem trabalhado bem, pois que se não tem trabalhado bem é porque o apoio que eles têm é nulo. Mas vários problemas que nos têm surgido, a malta vem aqui debatê-los e eles têm-nos resolvido.

para ver se no fim do mês se faz uma colecta, mas a malta nem sempre aceita bem isto.

COMBATE - Mas o apoio pode não ser a nível de dinheiro. Esse apoio pode ser dado através da divulgação da luta, da discussão em comum dos problemas, na unidade contra a repressão. Os apoios podem vir ainda da colaboração nas vendas, colaboração no arranjar da maquinaria, etc.

Trabalhador - Na Dinamo já se tem feito. Nós podemos fazer um plenário e informar as pessoas. Mas há pessoas que não têm uma grande consciência política e não aceitam isso muito bem, mas nós já temos parado em solidariedade com trabalhadores de outras empresas.

COMBATE - Na vossa empresa há problemas pelo facto de haver pessoas com formação política diferente ou por pertencerem a partidos políticos diferentes?

Trabalhador - Até agora não temos tido problemas de maior. Até porque mentalizamos as pessoas de que os trabalhadores têm os mesmos interesses, que a luta dos trabalhadores é a mesma. Há pessoas que são do PPD, mas são do PPD porque? mal consciencializados... se lhe for falar em problemas de trabalho ele até concordou comigo, que sou de uma tendência política completamente diferente.

PARA AGUENTAR FIZEMOS VÁRIOS SACRIFÍCIOS

COMBATE - Tiveram que pedir algum empréstimo para continuar a laboração?

Trabalhador - Não. Nada. Nós fizemos o seguinte: por exemplo eu que no tempo do patrão ganhava seis contos e quinhentos, passei a ganhar seis. Fizemos vários sacrifícios, especialmente as pessoas mais conscientes politicamente. Mentalizamos os nossos camaradas que não podíamos de momento, lá por estarmos em cooperativa, irmos só reivindicar dinheiro, dinheiro. Eu pessoalmente acho que a maior persistência foi a vontade das pessoas de trabalhar. Continuamos a trabalhar, com dificuldades a princípio. Aquilo não tinha dinheiro nenhum; inclusivamente o único auxílio que tivemos foi de pessoas que não tinham nada que ver com a firma, eram camaradas que trabalhavam noutras

AUMENTOS SALARIAIS. QUAL O CRITÉRIO?

COMBATE - Qual foi o vosso critério para actualizar os salários, sabendo que no tempo do patrão havia um grande leque salarial. Hoje vocês têm ainda um leque salarial...

Trabalhador - Nós reconhecemos isso. Continuamos a ter um leque salarial, embora menor. Mas na medida em que temos dificuldades, temos dinheiro na rua que não recebemos, é essa a limitação que nós temos. Temos dinheiro que não podemos estar a contar. Não podemos estar a prometer e depois faltar. Temos tido muito cuidado nisso. Temos que analisar bem a coisa. Já nos arriscámos também, mas por acaso até no banco nos têm ajudado. Por exemplo tive-

mos que comprar uma chapa que teve que vir da Alemanha e estes gajos aqui até nos pregaram com vinte contos em cima dessa chapa. Fizemos um requerimento e até hoje.

Quanto à questão do critério salarial, só uma pessoa estando lá dentro é que vê. Nós temos de ter em conta várias reacções.

COMBATE - Neste momento pode haver problemas e vocês terem dificuldades em igualizar os salários, mas o vosso objectivo é de manterem sempre um leque salarial ou é de abolirem esse leque?

Trabalhador - Bem eu acho que ali a diferença tem que existir sempre, porque aqui tem profissões, por exemplo duras, co-

UNIÃO COOPERATIVA VIMIEIRO

"No dia 25 de Outubro de 1975 pelas dez horas da manhã a Associação de Cooperativas do Vimieiro: Santana e Anexas, Ilha Fria e Anexas, Monte do Meio e Anexas, Chotas, Monte Velho, Tourega e a que mais tarde se juntou depois da ocupação, Vale da Pinta, entraram para dentro da fábrica e instalaram-se ali, eles e as suas máquinas e alfaias, e instalaram-se ali porque? Porque existiam dentro dela umas instalações como não havia no Vimieiro e que estavam paradas e porque havia dentro dela postos de trabalho para uma dezena de pessoas e que estava parada e visto isto uma Associação de Cooperativas no dia 25 de Outubro pelas dez horas da manhã entraram lá para dentro com a ideia fixa e bem patente de pôr a produzir toda aquela fábrica que o Sr. Mineiro desprezava e se dava ao luxo de a oferecer aos ratos".

No dia seguinte, 26 de Outubro, em Plenário deliberaram que "ficará um elemento de cada cooperativa das que ocuparam a fábrica a constituir a Comissão da mesma" (da acta da segunda reunião).

Presentemente trabalham na União 10 pessoas nas secções de Contabilidade e Escritório, Moagem e Oficinas mecânica e civil, com a respectiva secção de peças, estando para breve a abertura da padaria, dependente só da entrada de um padeiro.

No momento a sua maior dificuldade é de dinheiro para investimentos e em especial a aquisição de um torno (mais ou menos quatrocentos contos). 19/4/76

NOME DAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS	ÁREA TOTAL hectares	NÚMERO DE TRABALHADORES		CULTURAS EM HECTARES						NÚMERO DE TRACTORES	ÁREA CULTIVADA		EFFECTIVOS PECUÁRIOS					
		H	M	Saqueiro	Regadio	Prados	Hortícolas	Arbóreas	Alfaias		74	75						
1. Monte Velho e Anexas	1.079,6754	13	16	27	333	—	5	—	9	360	5	180	328	82,2	37	473	46	
2. Tourega	1.852,0090	20	18	20	558	52	20	1	18	400	5	400	611	52,9	208	526	—	
3. Ilha Fria e Anexas	768,4000	12	10	22	417	6	6	1	10	220	3	70	430	514,3	146	139	—	
4. Santana e Anexas	784,0000	19	16	35	440	12*	—	1	12	228	9	25	455	1712,0	78	192	—	
5. 29 de Setembro	928,0500	13	11	24	129	10	4	1	20	100	1	185	144	6,7	90	263	—	
6. Bardeiras	2784,3000	16	28	54	573	30	—	—	200	900	4	150	403	148,7	67	330	—	
7. Vale da Pinta	532,3500	12	6	18	147,5	2	—	—	8	170	2	80	149,8	86,9	—	320	31	
8. Claros os Montes	975,9000	15	8	23	290,5	6	2	1	6	280	4	200	306,5	54,2	41	640	300	
9. Nova Luz	1231,6500	21	13	34	505,5	8	5	2	40	300	3	150	365,5	110,3	112	247	—	
10. Alvarinhos	886,5250	12	8	20	24,8	—	—	—	150	200	2	—	249	—	—	150	128	
11. Monte do Meio e Anexas	753,0750	15	10	43	171	3	—	—	6	200	2	90	174	17,5	—	—	7	
12. S. Gregório	2841,1400	92	49	141	581,5	25	7	1	487	450	16	300	612,5	104,1	64	445	—	
TOTAL	15414,0654	268	191	459	3749,8	147	4	8	916	3405	55	1770	953,1	123,4	884	3728	236	7

* Área criada pelas cooperadoras. (1) Olivais, Vinha e pomares e/ou montado de sobre. (2) Possui também 312 hectares (dados relativos a 31/12/75)

AS PESSOAS MUDAM COM A LUTA

COMBATE - Com a formação da cooperativa vocês conseguiram garantir o trabalho a todos os trabalhadores. Mas para além da garantia do emprego, vocês acham que ganharam mais alguma coisa?

Trabalhador - De princípio é um processo de garantir o trabalho, mas agora há pessoas que já não são as mesmas. Conheci lá pessoas que no tempo do patrão só conseguiam fazer duas peças e hoje fazem vinte. Há qualquer coisa que mudou nesse aspecto do trabalho. No aspecto digamos social a malta tem outra conduta

COMBATE - Quais as relações entre os trabalhadores e os directores? Achas que é uma relação semelhante à que existia entre o patrão e os trabalhadores?

Trabalhador - São muito diferentes. Eu como director sou trabalhador.

COMBATE - Como é que os trabalhadores vêm?

Trabalhador - Aí é que eu digo, até há bocas, mas por exemplo eu sou director e estou a trabalhar na minha secção e

agit

dinamo

COMBATE - Mas os trabalhadores vêm-vos como novos patrões?

Trabalhador - Não. Esses problemas já existiram, mas hoje não. As coisas têm-se vindo a aperfeiçoar. Por exemplo, quando damos um aumento mostramos as contas ao pessoal. Nós agora vamos dar as férias e resolvemos, e é quase uma imposição, que vamos todos para férias em Agosto - os primeiros quinze dias para uns e os outros quinze dias para os outros - e damos um mês de subsídio. E aqui há opiniões diversas, mas a gente pega nos balancetes e mostra às pessoas.

CONTRA O CAPITAL A UNIÃO DOS TRABALHADORES

COMBATE - Depois do 25 de Abril desencadeou-se um processo de falência de empresas ou de fugas de patrões e os trabalhadores viram-se obrigados para garantirem o trabalho, de entrarem em autogestão e a formarem cooperativas. Isto foi uma fase de luta.

Actualmente que o aparelho de Estado está mais fortalecido e começa a fazer a planificação da economia de forma mais elaborada, pode acontecer que esteja interessado em atacar algumas empresas geridas pelos trabalhadores, tal como tem acontecido em certos casos, e estas passarem a ser geridas ou directamente pelo Estado ou passarem de novo para as mãos dos antigos patrões. Achas que os trabalhadores estão preparados para se defenderem desde já?

Trabalhador - A minha solução é este projecto de formação de coordenadoras dos diversos ramos. Acho que só os trabalhadores organizados economicamente podem evitar isso.

Que nós nos organizemos economicamente, isto é, as cooperativas e não só, todas as empresas em autogestão e com controlo operário, se organizem em coordenadoras: uma gasta fatos de macaco, outras gastam outros artigos e, a malta com um controlo operário a sério, manda essas encomendas para as coordenadoras, que depois distribui pelas cooperativas e empresas em autogestão.

COMBATE - Mas para que isso vá para a frente é necessário que todos os trabalhadores tenham consciência disso e, que esse conhecimento não passe só pelos directores ou pelas comissões de trabalhadores.

Trabalhador - Pois eu até acho que numa primeira fase tem que ser os trabalhadores mais conscientes a andar para a

frente. Se eles estiverem à espera de fazer um plenário a nível nacional, nunca mais chegávamos a parte nenhuma.

COMBATE - Mas, por exemplo a nível da tua unidade de produção, todos os trabalhadores se sentem interessados ou acham que isso é um problema da direcção?

Trabalhador - Há pessoas que acham muito importante, há outras que não.

COMBATE - Podem existir 400-500 cooperativas e outras tantas empresas em autogestão hoje, em Portugal, mas a exploração capitalista continua - continuam a pertencer ao mercado capitalista, a planificação mais geral do trabalho e da produção escapa também aos trabalhadores. Como é que vocês acham que as empresas nas mãos dos trabalhadores podem desencadear uma luta feroz e constante contra o capitalismo?

Trabalhador - Eu acho, e isto é uma opinião pessoal, que para a situação em Portugal a formação de coordenadoras é correcta. O que temos que andar é depressa. Na minha opinião os trabalhadores portugueses só vão em coisas concretas. Se for só conversa entra-lhes por um ouvido e sai-lhes por outro, e eu tenho experiência disso. Se nós os mais conscientes andarmos depressa e levarmos aos trabalhadores coisas concretas, pois concerteza que eles aderem. Nós ao entrarmos para isto temos que andar com rapidez na prática das coisas. Por exemplo, se a nossa cooperativa começar a entrar em crise e a coordenadora conseguir salvá-la, as pessoas começam a pensar: "Através da coordenadora veio uma encomenda", aí a malta vê.

nos abandonados pelos seus antigos donos. Estes são donos pela lei editada no tempo do antigo regime, e do antes do 25 de Abril 74 e cujo significado nós, trabalhadores e trabalhadoras agrícolas, conhecemos muito bem, pois sofremos as consequências dela desde anos, desde gerações.

Estes senhores do C.A.P. não querem "ser outros retornados de Angola, pois já houve agricultores obrigados a sair do país por não terem condições de vida". (jornal de hoje 31 de Março 76). Será uma novidade para os trabalhadores e trabalhadoras agrícolas ouvir dizer que se tem de sair do país à procura de condições de vida? Esquecem-se os senhores agrários, que nós e nossas famílias, e ainda muito mais os nossos companheiros camponeses do Norte (que esses senhores do C.A.P. pretendem agora defender) já o fizeram há tantos anos nas terras de França, Bélgica, Alemanha, etc.? Naquela altura as "vossas" terras estavam ao abandono e nós devíamos

Reforma Agrária: portanto que medo tem este senhor? Mais vergonhoso ainda é, quando ele fala "dos agricultores que ... apenas trabalham de sol a sol para dar de comer aos meninos da cidade" sabendo nós que os agricultores cá da zona não trabalham mas mandam trabalhar. Felizmente já passou o tempo em que nos mandavam trabalhar de sol a sol.

Mas este senhor JOAQUIM JOSÉ ALVES defende sim os latifundiários cá da zona como JOSÉ MIGUEL LOPES MARQUES, FRANCISCO ANTÓNIO AMENDOEIRA LOPES etc. O próprio JOAQUIM JOSÉ ALVES tem as suas fazendas por semear, apenas colhendo delas a agri-tona. Sobretudo, ele e os seus mandatários temem as cooperativas agrícolas que agora trabalham em pleno as terras dos antigos senhores. Perguntar-se quem tem razão? Estes senhores da C.A.P. que defendem tudo menos os interesses dos que realmente trabalham, ou a reforma agrária que nos trouxe a possibilidade de trabalhar todo o ano, aumentar a produção que vai servir para todo o país? A nossa produção é que vai permitir que Portugal não precise mais de importar produtos do estrangeiro.

A terminar esta carta, senhor director queremos novamente insistir que lamentamos profundamente a publicidade que o seu jornal deu a esta organização, que nada tem que ver com os interesses dos que realmente trabalham a terra e muito menos ainda os interesses do país. Ao abrigo da lei de imprensa exigimos pois a publicação desta carta resposta.

Vimieiro 31 de Março de 1976
P'la União de Cooperativas

vos rogar para poder trabalhá-las alguns meses por ano.

Parece-nos muita hipocrisia da parte destes senhores agora lamentarem-se e compararem-se com os retornados de Angola, quando eles nunca passaram fome, em hoje a passam.

Quanto as declarações do sr. JOAQUIM JOSÉ ALVES, então ainda menos dúvidas temos. Este candidato a agricultor, tendo passado por padeiro e comerciante, tem propriedades que não são abrangidas pela

sitada, dada ao comunicado do C.A.P., no jornal de hoje, não só pelo teor todo do comunicado, como pelas declarações do sr. JOAQUIM JOSÉ ALVES, indivíduo bem conhecido do VIMIEIRO.

O comunicado é do mais vergonhoso em relação ao esforço do trabalho quotidiano que dão os trabalhadores e trabalhadoras agrícolas, para semear, limpar e lavar os milhares de hectares de terra desde a-

(Continuação p.8)
te" como representante da actividade de teatral profissional.

IV - A "Frente" propõe-se ainda lutar contra o teatro alienante e de exploração capitalista, qualquer que seja a forma legal que revista a entidade produtora, e denunciar os actos atentatórios da dignidade profissional.

V - A "Frente" promoverá:

- 1 - O alargamento a outros grupos que se identifiquem com estas bases de acordo.
- 2 - O contacto com escolas de arte dramática no sentido de mobilizar as camadas mais jovens para a mesma luta.
- 3 - A participação activa na acção sindical.

VI - Os grupos que integram esta "Frente" colaborarão entre si e analisarão colectivamente a actividade de cada grupo e da totalidade dos mesmos, sem ingerência nos assuntos internos não consignados nestas bases de acordo, e defendem o direito de:

- 1 - Liberdade de opção estética consequente com os princípios ideológicos da "Frente".
- 2 - Denúncia de qualquer tomada de posição individual, como divisionista e contrária ao espírito da "Frente".

VII - No que respeita à sua actividade, os grupos que integram esta "Frente" propõem-se:

- 1 - Lutar para que a actividade teatral, tal como a saúde e a educação, sejam um serviço público.
- 2 - Lutar pela descentralização e divulgação da actividade teatral junto das camadas marginalizadas desta actividade, em especial junto dos operários e dos camponeses, e em colaboração com os organismos representativos.
- 3 - Lutar por uma política de preços de venda dos espectáculos bem como dos preços de bilheteira, que permita a sua igualização, consequente com os objectivos da descentralização e da divulgação da actividade teatral
- 4 - Lutar pelo fomento de novos grupos de teatro profissional e amador, que se identifiquem com os princípios desta "Frente".
- 5 - Lutar pela valorização profissional.
- 6 - Criar um órgão de informação das actividades dos grupos que compoem a "Frente", e as suas tomadas de posição perante os problemas do sector e da Cultura.

QUEM SÃO OS SENHORES DA CAP?

Transcrevemos seguidamente um comunicado da "União das Cooperativas do Vimieiro" (distrito de Évora), que estas camaradas enviaram para toda a imprensa diária e que não foi publicado.

Senhor Director,

Foi com muita amargura que os trabalhadores e trabalhadoras agrícolas do Vimieiro deram conta da publicidade propo-



NOVO RUMO

Publicamos a seguir dois pontos de uma longa entrevista com a Cooperativa

CONTACTOS COM OS CAMPONESES

COMBATE - vimos que vocês têm contactos com outras empresas, principalmente do vosso ramo, e agora o que interessa saber e talvez falar um pouco, é se vocês têm contactos com cooperativas agrícolas?

Trabalhador A - Bom, contactos, não sei agora aqui neste caso o que poderá chamar-se contactos... pois sempre que é necessário, sempre que há uma chamada, sempre que há uma mobilização geral, os trabalhadores daqui vão às cooperativas agrícolas. Vamos e até já fomos à região de Torres Novas (de momento não me lembro do nome da cooperativa). Foram aqui muitos camaradas à apanha do tomate, foram um fim de semana, com transportes pagos aqui pela cooperativa; a única coisa que eles ganharam com isso foi as refeições, a dormida e a experiência que foram ganhar com o campesinato. A aliança operário-camponesa tem que se fazer, tem que avançar cada vez mais, talvez se tenha descurado um bocadinho ultimamente.

COMBATE - Como sabem há uma grande sabotagem do poder constituído às cooperativas agrícolas. Sabotam-lhes a saída dos produtos aqui para a cidade, e por vezes até dizem que os produtos são mais caros devido à iniciativa dos trabalhadores agrícolas terem ocupado as terras. E o que é um facto é que por exemplo no Alentejo, havia lagares repletos de azeite, simplesmente não tinham possibilidades de o vender... Lembro-me que aqui há uns tempos foi discutida na Lis-

EFEITOS DO 25 DE NOVEMBRO

COMBATE - Queria ainda fazer uma pergunta relacionada com o 25 de Novembro.

Com o 25 de Novembro, e segundo o que nós pensamos, houve uma maior concentração da parte do Estado nas grandes empresas, e toda a pequena empresa que esteve em autogestão ou em cooperativas de forma deficitária, o governo actual está a permitir que os patrões regressem. Tem havido em todo um sector mais ou menos de pequenas e médias empresas que estavam falidas, e em autogestão actualmente ou em sectores em que o Estado não pretende fazer de imediato uma planificação económica, estão a ser atacadas e os ex-patrões estão a regressar.

Podem-nos dizer o que pensam disto? Sobre que futuro vêem para a vossa cooperativa? Eu penso que no vosso caso em que se têm aguentado economicamente, da parte do governo não vai haver, de imediato, um ataque, porque enquanto vocês garantirem o salário de todas as pessoas que aqui trabalham, uma vez que há uma grande crise económica, o governo não terá necessidade nenhuma de vos criar problemas. O problema poder-se-á pôr num futuro, quando o governo pensar reestruturar todo o sector das metalomecânicas. Nessa altura é que o problema se põe para vocês. Parece-me que é neste sentido que se de imediato vocês pensarem fortalecer a união a outras empresas do sector, poder-se-ão no futuro melhor defender.

Trabalhador A - No aspecto da tomada das empresas em autogestão e das cooperativas pelos antigos patrões, esse caso aqui não se põe, porque vocês sabem que o Ministério que se dá pelo nome de Trabalho, pôs em causa essas mesmas autogestões primeiro, depois retirou as credenciais às comissões de

NOVO RUMO que por absoluta falta de espaço não puderam ser incluídos no nosso último número.

nave uma proposta de, por exemplo, no caso concreto do refeitório, eles precisam de batatas. Em vez de as comprar a um armazém qualquer resolveram ir comprá-las a uma cooperativa agrícola, e não só para o consumo interno da Lisnave, mas para os próprios trabalhadores. Eu penso que isto é uma iniciativa muito correcta que é de apoiar, e quando falo em contactos com as cooperativas agrícolas é se vocês já pensaram em ir buscar os produtos às cooperativas, porque além de ficarem muito mais baratos é também o fortalecimento das relações entre trabalhadores do campo e da cidade que daí advém.

Trabalhador A - Nesse campo temos feito muito pouco ou quase nada. Temos falado muitas vezes disso, mas talvez por falta de sabermos com quem entrar em contacto, talvez por não termos uma localização muito exacta de onde é que as cooperativas ficam e até às vezes, por não sabermos como é que isso efectivamente se processa.

Pois concerteza que essa ligação tem que se começar a fazer cada vez mais. Eles têm muitos produtos até porque se não tivessem não se tinha podido fazer o "dia do campo". Tem é que ser feito muito melhor do que o que se fez aqui em Lisboa. Não podem outra vez ir os intermediários, os homens que têm os supermercados comprar os produtos que os trabalhadores das cooperativas agrícolas trazem. Talvez se eles vendessem só a quem mostrasse o cartão de sócio do sindicato...

trabalhadores e dando um prazo para a apresentação da necessidade de nova credencial a ser passada para, segundo eles, terem um maior controlo e ao mesmo tempo para dar também a possibilidade dos patrões contestarem essas mesmas credenciais. É claro isso verificou-se em muitas empresas em que os patrões contestaram. Nalguns casos os patrões têm chegado a acordo com os trabalhadores, noutros não tem acontecido e muitos trabalhadores já têm sido desalojados dos seus locais de trabalho à força.

Isso aqui não se põe até porque o nosso ex-patrão não contestou a firma e até não podia mesmo contestar na medida em que ela foi declarada falida.

No aspecto da união, pois concerteza, o Estado, o Governo não poderão dizer que não é válida: tem a sua personalidade jurídica, tem a sua estrutura, tem os seus estatutos. Não vejo possibilidades de o governo poder acabar de um momento para o outro. Evidentemente que se isto for para o fascismo declarado, se houver uma pinchada cá em Portugal, poi concerteza que eles acabam com tudo e fazem aquilo que muito bem querem. Mas por enquanto, enquanto pudermos dizer aquilo que queremos, enquanto nós formos podendo, enquanto nós tivermos um bocadinho de liberdades democráticas como temos actualmente, eu não vejo possibilidades de isso poder acontecer até porque as pessoas estão devidamente conscientes de que as liberdades as conquistas efectuadas, têm de ser mantidas, têm de ser ampliadas se possível, só com uma grande luta uma grande união entre todos; porque se isso não se verificar, não tenham mesmo dúvidas, isto vai cair numa ditadura de direita ainda mais feroz que a que nós tínhamos.

o olho do cuco



camarada a nossa sobrevivência está nas tuas mãos

O jornal COMBATE é uma tribuna aberta à livre expressão de todos os trabalhadores e oprimidos em luta.

É também um meio pelo qual os trabalhadores podem trocar as suas experiências e aumentarem assim a sua organização autónoma no combate contra o capitalismo.

O COMBATE que se apoia somente nos trabalhadores, que não é órgão de nenhum partido ou grupo político, tem que lutar constantemente pela sua sobrevivência económica.

Dia a dia novos problemas económicos surgem: aumento das tarifas do correio, atrasos na distribuição e no pagamento da distribuidora, novos preços de impressão.

As nossas dívidas aumentam com a saída de cada jornal e poderão asfixiar-nos definitivamente.

PARA SOBREVIVERMOS PRECISAMOS DE PELO MENOS 300 ASSINATURAS ATÉ AO FIM DE MAIO.

Se achas que o COMBATE tem a sua razão de ser na luta dos explorados e dos oprimidos, apoia-nos:

- TORNANDO-TE ASSINANTE;
- TORNANDO ASSINANTES OS TEUS AMIGOS E CAMARADAS.

QUERO ASSINAR O COMBATE DESDE O NV ...

1 ano (26 números) 96\$00
6 meses (13 números) 48\$00
Apoio (anual) 120\$00 mínimo
Europa (anual) 212\$00 por avião
USA (anual) 264\$00 por avião
Angola (anual) 216\$00 por avião

QUERO VENDER ... EXEMPLARES DO COMBATE

Junto envio\$...

(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome do director)

PARA QUEBRAR O ISOLAMENTO IMPOSTO PELA IMPRENSA BURGUESA

Foi publicado mais um número do jornal operário francês "OUEST-LICENCIEMENTS". Jornal dos grevistas da tipografia CARON-OZANNE, que entraram em greve, com ocupação dos locais de trabalho, a 5 de Junho do ano passado, como resposta a 48 despedimentos que mais não seriam que o início de um projecto de 109 despedimentos.

De todo um vasto material publicado neste precioso instrumento dos trabalhadores, traduzimos o texto que se segue:

O QUE SOFREMOS

Hoje, o poder e o patronato querem servir-se da crise para reestruturar a indústria e assim aumentar a sua taxa de lucro.

Com efeito, as lutas contra as cadências, pela melhoria das condições de trabalho e para um melhor nível de vida produziram uma baixa nos lucros dos capitalistas.

Para aumentar a taxa de lucro, o patronato decidiu "reestruturar".

Por trás desta palavra mágica que se passa?

Preferem introduzir material cada vez mais aperfeiçoado que só emprega técnicos altamente qualificados e operários especializados.

Escolhem um método de produção que supprime um grande número de empregos provocando assim o desemprego.

Com efeito, os patrões compreenderam que os operários se batem (cada vez mais) por condições de trabalho e pelo poder de compra. Também eles querem introduzir máquinas cada vez mais perfeitas que permitam produzir mais, com menos pessoal. E em vez de diminuir o tempo de trabalho de maneira correspondente, mantêm as 40 horas para aumentarem os lucros.

Para nós reestruturar traduz-se pois em mais desemprego e mais repressão.

Com efeito, para impôr a sua reestruturação, o patronato e o poder servem-se da repressão para contrariar toda a resposta. Repressão que reveste aliás múltiplas formas:

- Despedimento de delegados sindicais (como em Blaupunkt onde a direcção quer destruir todo o sindicato que se recusa a colaborar)
 - Claudel: a direcção pede ao ministro o despedimento de 4 delegados sindicais
 - Bretoncelles: (onde a nova direcção não queria readmitir o delegado sindical)
 - Vet France onde o patronato se recusa a reconhecer os delegados sindicais
- Intervenções policiais contra os trabalhadores em luta.

Exemplos: Chausson, Blaupunkt, Vet France

ouest licenciements

Pour briser l'isolement imposé par la presse bourgeoise

Prenons en main la presse des luttes

NON aux LICENCIEMENTS

PARA QUEBRAR O ISOLAMENTO IMPOSTO PELA IMPRENSA BURGUESA TOMEMOS EM NÃO A IMPRENSA DAS LUTAS NÃO AOS DESPEDIMENTOS

Os trabalhadores em greve da tipografia CARON-OZANNE Sindicatos CGT/FFTL e CFTD Com o apoio de: ULS CFTD - UR CFTD Vendido para apoio aos trabalhadores.

Campanha contra a "desmoralização" do exército que serviu de pretexto a uma repressão marcadamente antisindical.

Apodrecimento e isolamento dos conflitos onde os trabalhadores se batem pela manutenção do emprego.

Ataques fascistas contra os locais sindicais, contra os militantes políticos.

Desenvolvimento dos grupos de direita (Comité sargento Dupuis)

O QUE PROPOMOS

Assim, porque estão conscientes tanto do perigo do isolamento como do apodrecimento das lutas e do despontar repressivo do poder, os trabalhadores da Caron-Ozanne decidiram colocar o seu instrumento de trabalho "a tipografia" ao serviço do movimento operário.

Mas para quebrar o muro de silêncio imposto pela imprensa ao serviço da burguesia, era necessário fazer mais. É por isto "Ouest-Licenciements" jornal dos grevistas aberto a todos os trabalhadores em luta.

Com efeito, pensamos que este jornal é um meio para quebrar o muro do silêncio que nos foi imposto mas também um meio de contra-informação para estabelecer a verdade sobre as acções da classe operária.

Além do mais, permitindo a ligação entre os diferentes trabalhadores em luta, ele facilita as trocas de experiências de luta e facilita assim o avanço em direcção à unidade popular. É fundamental ter um jornal que deixe as suas colunas abertas tanto aos operários como aos camponeses e a outros sectores.

Enfim e sobretudo "Ouest-Licenciements" não é um jornal realizado por uma equipa de especialistas que fazem artigos sobre as acções desencadeadas por outros trabalhadores. Não, "Ouest-Licenciements" é realizado pelos trabalhadores e assim contribui para que sejam os próprios trabalhadores a explicar, a popularizar e a dar as saídas das suas lutas. Neste sentido, "Ouest-Licenciements" é um primeiro passo em direcção do poder dos trabalhadores.

Realizámos este número nacional para dar a conhecer a nossa luta e "Ouest-Licenciements" em todo o país. Mas não se trata para nós de assegurar uma coordenação nacional das lutas. Hoje, uma quinzena de tipografias estão ocupadas e é em torno delas que se podem pôr em prática iniciativas tais como "Ouest-Licenciements"

Pela nossa parte, a nossa ambição limita-se a pôr a nossa oficina ao serviço do movimento operário no seu conjunto, e propor as colunas de "Ouest-Licenciements" a todos os trabalhadores da região que lutam contra o capitalismo e os seus efeitos.

Tal como hoje, nós decidimos continuar a assegurar o aparecimento de "Ouest-Licenciements" mesmo no caso de sermos evacuados.

Mas para podermos assumir esta tarefa somos forçados a estruturar uma rede de difusão. É por isto a partir de hoje, para apoiar a nossa luta e "Ouest-Licenciements", nós vos pedimos que:

- se façam nossos assinantes,
- a vossa secção sindical ou política faça uma assinatura,
- se proponham a difundir o "O.L."

Das 12 páginas deste jornal operário, 10 são directamente dedicadas ao relato das mais diversas lutas operárias que se desenvolvem em França. Nele, as lutas são relatadas pelos próprios intervenientes.

Este jornal encontra-se à venda nas Livrarias Contra a Corrente ao preço de 15\$00, mas também pode ser pedido directamente para:

Hubert GRAMMARE
25, rue du Père-Sanson
14000 CAEN
FRANÇA

agit associação de grupos independentes de teatro

I - No plano ideológico a "Frente" insere-se na luta de classes e, como estrutura artística e cultural, tem que reflectir a ideologia do proletariado como única consciência anti-capitalista consequente, quer a actividade dos grupos integrantes da "Frente" se situe no âmbito da investigação de formas e conteúdos populares, no de elaboração experimentalista de processos de comunicação que não alienem essa ideologia, no de imediatismo revolucionário, ou mesmo no da pura divulgação dos grandes textos de culturas não proletárias.

II - Todos os grupos que integram a "Frente" devem tender para formas de organização interna democrática e não-capitalista tais como cooperativas ou sociedades artísticas, que englobem actores, técnicos e administrativos e quaisquer trabalhadores de espectáculos ou outras formas de organização que a "Frente" venha a definir segundo os princípios atrás referidos. Quer a nível de organização interna de cada grupo quer da totalidade da "Frente", estes grupos devem igualmente tender para uma igualização de salários ou reduzidos leques salariais, segundo

critérios a definir e fundamentar pela "Frente".

III - Nas suas relações com o poder estabelecido, a "Frente" propoe-se:

- 1 - Lutar pela independência política e ideológica dos grupos que a integram em relação a esse poder e ao sistema dominante.
- 2 - Lutar pela estabilidade económica que assegure aos grupos que a integram um trabalho a longo-prazo.
- 3 - Lutar pela autonomia dos grupos que integram no plano da gestão.
- 4 - Lutar pelo reconhecimento da "Frente"

(Cont. pag.6)